

DOM WASHINGTON CRUZ, CP
Arcebispo Metropolitano de Goiânia

IGREJA

CASA E ESCOLA DE COMUNHÃO

Goiânia-GO
2006

Irmãos e irmãs,

*“Alegram-se os céus e exulte a terra,
Ressuscitou Jesus Cristo!”*

1. Vivemos, neste tempo, a experiência central de nossa vida cristã. A Páscoa de Jesus é o coração da nossa fé. Páscoa de Cristo, nossa páscoa! Este anúncio desde dois mil anos ressoa sobre a face da Terra, como mensagem fundamental do nosso crer e do nosso existir como cristãos: *“Por que buscais entre os mortos aquele que está vivo? Não está aqui. Ressuscitou!”* (Lc 24, 5b-6). *“Verdadeiramente ressuscitou!”* (Lc 24,34). Os cinquenta dias do tempo pascal são todos eles permeados da luz e da alegria desta “boa notícia”. A Igreja, desde o segundo século, considerou estes cinquenta dias que compõem o tempo pascal como um só dia, como um “grande domingo”, tempo dentro do qual se prolonga a alegria e o júbilo da Páscoa.
2. Nesta moldura de alegria pascal e exercendo a missão de conduzir pelos caminhos do Senhor esta Igreja a mim confiada, escrevo esta nova carta da Série *“Caminhos Pastorais”*. Através dessa Série, tenho partilhado o desejo de uma caminhada conjunta, indicando, também, os meios que me parecem convenientes para alcançarmos uma pastoral eficaz. Após ter refletido sobre a centralidade do Domingo como Dia do Senhor, sobre a eucaristia como escola de amor ao próximo e sobre a educação católica em nossa arquidiocese, dirijo-me, agora, aos irmãos e irmãs para lançar algumas luzes acerca da urgência do amor fraterno como experiência e sinal visível do amor de Deus para com toda a humanidade, amor pelo qual a Igreja é chamada a ser sacramento.
3. Nesta oportunidade, gostaria de considerar o desafio que João Paulo II lançou à Igreja do terceiro milênio para que se torne sempre mais *casa e escola de comunhão*. Sabemos das dificuldades de nosso tempo: as distâncias, a busca da sobrevivência, a dimensão da metrópole e o reflexo disso na convivência humana. Essa realidade tem interpelado fortemente a vida comunitária que desejamos para nossas famílias e nossas comunidades. Sabemos, entretanto, que todas essas dificuldades serão vencidas com a graça do Senhor, que prometeu estar sempre conosco: *“Eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos!”*
3. A reflexão que agora faço, no caminho em busca de uma espiritualidade cada vez mais comunitária, ajuda-nos a compreender que também na Igreja devemos ter estruturas que nos aproximem ainda mais uns dos outros. Estamos concretizando uma nova organização da Igreja arquidiocesana, com o pleno funcionamento dos vicariatos territoriais e ambientais. O objetivo primordial de toda essa reformulação e adequação pastoral é o de promover a aproximação entre todos nós, aprimorando a relação e presença do Arcebispo em cada comunidade e em cada ambiente sociocultural-urbano de nossa arquidiocese.
4. Esse propósito de experimentarmos a Igreja como autêntica *casa de comunhão* deve ser assumido pelas comunidades ou instituições de nossa arquidiocese e será alcançado à medida que nos identificarmos, pessoal e comunitariamente, com o Evangelho de Jesus, colocando em prática aquilo que Ele nos doou com sua Palavra e com sua Vida.

Dessa experiência decorrerá uma grande alegria, e o testemunho dessa identificação pessoal e comunitária nossa com o Evangelho poderá levar nossos irmãos mais afastados ou até “não-crentes” a dizerem de nós o que diziam os pagãos da primeira comunidade dos discípulos de Jesus: “*Vede como se amam*”.

5. A nossa vida cristã há de se constituir naquilo que o Servo dos Servos de Deus, João Paulo II, chamava de “*espiritualidade de comunhão*” na carta *No Início do Novo Milênio*, com a qual encerrou o ciclo de comemorações do Grande Jubileu do ano 2000.
6. A *espiritualidade de comunhão*, caminho que me parece mais propício para fazermos de nossa Igreja *casa e escola de comunhão*, tem diversos elementos que a constituem, e sobre alguns deles gostaria de refletir mais detidamente.

EM COMPANHIA DO IRMÃO

7. O primeiro desses elementos que marca a experiência de Igreja é nosso irmão. O homem não vai sozinho a Deus. Caminha para Ele sempre em companhia, sentindo ressoar na alma a beleza do versículo da Escritura: “*Como é bom, como é agradável habitar todos juntos, como irmãos*” (Salmo 133[132],1). É necessária uma determinação constante para nos mantermos nessa caminhada, sempre com os irmãos, membros da Igreja. Tomemos como exemplo a convivência no ambiente doméstico, em que as relações entre esposos, pais e filhos e irmãos nem sempre são fáceis. Assim como também não são fáceis as relações pessoais entre aqueles que fazem opção pela vida consagrada, que se integram numa permanente e diuturna experiência comunitária com aqueles que Deus colocou no nosso caminho. Devemos ter consciência de nossas limitações pessoais. Limitações que não nos tornam diferentes, mas profundamente semelhantes àqueles com os quais convivemos. Uma *espiritualidade de comunhão* deve ser fundada nessa consciência e na disposição interior e exterior em busca da superação constante de nossas limitações, de considerá-las em sua real, insignificante e relativa dimensão diante da absoluta grandeza da Misericórdia com que somos tratados por Deus. Segundo nos ensinou Jesus Cristo, nosso Irmão Maior, é com essa medida que devemos tratar nossos irmãos.
8. Quantas vezes as dificuldades de relacionamento entre uma pessoa e outra como que apaga a luz e a alegria que antes existiam entre elas! Essa dificuldade pode se manifestar entre nós pelo juízo incorreto a respeito de quem vive conosco. Pode ser um inegociável apego do coração a si próprio, ou a uma idéia, ou a um bem material ou a uma situação. O apego pode retraindo nossa alma, concentrando-nos no próprio eu, na própria vontade e não nos deixar abertos à vontade de Deus, muitas vezes manifestada através do irmão.
9. A misericórdia para com o irmão e a determinação de recomeçarmos a cada tropeço são sentimentos e iniciativas indispensáveis para um saudável cotidiano, caso queiramos tornar nossa casa e nossa Igreja um autêntico lugar de comunhão. Assim, todo desentendimento será superado, toda poeira será retirada. A verdadeira, a inextinguível chama da alegria estará sempre presente, pois essa Alegria é a presença de Jesus em nosso meio.

O TESTAMENTO DE JESUS

10. Essa compreensão do significado do irmão, somada à disposição em superar sempre qualquer desentendimento, recomeçando e reconstruindo a vida fraterna após cada pequena ou grande ruptura, nos conduzem à realização do pedido que Jesus fez ao Pai na oração com que concluiu seu último momento com os discípulos, antes da Paixão.
11. É bom que reflitamos agora sobre este momento, quando Jesus entregou aos discípulos e a nós o seu testamento, sua última vontade. Um testamento expresso não apenas em palavras, mas em gestos inesquecíveis e exemplares para a nossa vida em comunidade. Aqueles gestos de Jesus devem reforçar em nós o desejo de amar e servir nossos irmãos, até o limite de nossas vidas.
12. *“Se vós me amais, obedecereis meus mandamentos” ... “Eu também o amarei e me manifestarei nele” ... “Eu vos deixo a paz, eu vos dou a minha paz” ... “Ficai unidos a mim e ficarei unido a vós” ... “Não existe maior amor do que dar a vida pelos amigos” ... “Eu vos chamo de amigos”.* Com palavras assim, Nosso Senhor, na véspera de sua paixão, reuniu seus irmãos à mesa da partilha dos alimentos da páscoa judaica. E estando à mesa com eles, instituiu o amor fraterno como o maior dos sacramentos de sua presença. Sacramento do qual a Eucaristia é sinal. Foi esse o testamento maior que Jesus deixou para nós. Se nos amamos, Ele permanecerá para sempre conosco. À medida que expressamos o nosso amor e acolhemos o amor recíproco, realiza-se em nós o elevado grau da comunhão com o próprio mistério do maiúsculo amor de Deus.
13. O Papa Bento XVI, em sua Carta Encíclica *Deus caritas est*, a primeira de seu pontificado, nos ajuda a compreender o significado dessas palavras de Jesus com uma belíssima reflexão sobre o amor de Deus: *“em Jesus Cristo, o próprio Deus vai atrás da ‘ovelha perdida’, a humanidade sofredora e transviada. Quando Jesus fala, nas suas parábolas, do pastor que vai atrás da ovelha perdida, da mulher que procura a dracma, do pai que sai ao encontro do filho pródigo e o abraça, não se trata apenas de palavras, mas constituem a explicação do seu próprio ser e agir. Na sua morte de cruz, cumpre-se aquele virar-se de Deus contra Si próprio, com o qual Ele Se entrega para levantar o homem e salvá-lo – o amor na sua forma mais radical. O olhar fixo no lado trespassado de Cristo, de que fala João (cf. 19, 37), compreende o que serviu de ponto de partida a esta Carta Encíclica: ‘Deus é amor’ (1 Jo 4, 8). É lá que esta verdade pode ser contemplada. E começando de lá, pretende-se agora definir em que consiste o amor. A partir daquele olhar, o cristão encontra o caminho do seu viver e amar.”* (Deus caritas est, n.12).
14. Esse amor de Deus, assim explicado pelo Santo Padre, é o modelo do amor que devemos ter por nossos irmãos. É esse um dos grandes desejos de Jesus para com a Igreja. O evangelista João nos conta que, durante aquela ceia, chamada Santa e dentro da qual foi instituída a Eucaristia, *“sabendo que o Pai tinha posto tudo em suas mãos e que de junto de Deus saíra e para Deus voltava, Jesus levantou-se (...), tirou o manto, pegou uma toalha e amarrou-a à cintura. Derramou água numa bacia, pôs-se a lavar os pés dos discípulos e enxugava-os com a toalha que trazia à cintura”* (Jo 13, 3-5). Ao concluir, disse aos discípulos: *“Entendeis o que vos fiz? Vós me chamais de Mestre e Senhor; e dizeis bem, porque sou. Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns aos outros.*

Dei-vos o exemplo, para que façais assim como eu fiz por vós. (...). Já que sabeis disso, sereis felizes se o puserdes em prática". (Jo 13, 12-15, 17).

15. É interessante verificar que Jesus, recomendando que assim vivêssemos como irmãos, afirmou que seríamos felizes à medida que também colocássemos em prática aquele gesto amoroso entre nós. Essa felicidade é o prêmio assegurado aos que se empenham na construção de uma espiritualidade de comunhão. O gesto de lavar os pés, ensinado por Jesus, deve significar também para nós a humildade com que devemos enfrentar todas as situações diante dos irmãos.
16. Nessa humilde postura, está contida a grandeza de todo irmão e a nossa pequenez diante dele. Irmão, nesse sentido, pode ser assim concretizado: o esposo diante da esposa e a esposa diante do esposo; o filho diante do pai e vice-versa; o pároco diante dos paroquianos e estes na relação com o pároco; o padre dentro da relação recíproca com seus irmãos do presbitério; as relações entre os companheiros de nossa comunidade; os desconhecidos, os mendigos, as autoridades; enfim, com toda e qualquer pessoa com quem nos relacionamos.
17. O irmão é o nosso caminho para Deus. Neste tempo difícil que atravessamos, quando tantos motivos podem nos afastar daquilo que o irmão espera de nós ou do que esperamos dos outros, é importante recordarmos a exortação de João em sua primeira carta: *"Pois quem não ama seu irmão, a quem vê, a Deus, a quem não vê, não poderá amar"* (1Jo 4,20). Que em nossas comunidades, em nossas famílias, em toda nossa arquidiocese, cada um de nós possa descobrir este significado do irmão!
18. Essa descoberta do irmão, quando feita por todos na comunidade e na família, gera o amor mútuo, o amor recíproco. O apóstolo Pedro assim já nos exorta: *"Acima de tudo, cultivai com todo ardor, o amor mútuo"* (1Pd 4,8). Pedro apontava para as palavras de Jesus, ditas também naquela ceia: *"Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros"* (Jo 13, 34-35).
19. Nesse reconhecimento de todos, na felicidade que todos percebem no meio de nós, se assim vivermos, está a oportunidade de a nossa Igreja também ser vista como *escola de comunhão*. É aqui que as pessoas devem aprender a viver em felicidade, na comunhão.
20. O amor mútuo é a realização plena da espiritualidade de comunhão. Quando todos nos amarmos reciprocamente, então estaremos em plena comunhão, vivendo uma espiritualidade que pode ser constatada também nas coisas concretas. No amor mútuo, está a maior riqueza reservada aos seguidores de Jesus Cristo. O amor mútuo nos leva necessariamente à concordância de sentimentos e de desejos, superadas as divergências pelo amor ao outro reciprocamente procurado. Nessa concordância, encontraremos a presença de Jesus, Deus, Deus-Amor. Ele próprio assim nos prometeu: *"Eu vos digo mais isto: se dois de vós estiverem de acordo, na terra, sobre qualquer coisa que quiserem pedir, meu Pai que está nos céus o concederá. Pois onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, eu estou ali, no meio deles"* (Mt 18, 19-20).

21. Essa é a maior riqueza que podemos nos desejar: ter a presença de Jesus em nosso meio. Essa presença, construída através do amor recíproco, da superação de todos os desentendimentos e incompreensões entre nós, do *“lavai os pés uns dos outros”* em todas as circunstâncias, é a unidade pedida por Jesus ao Pai e por Ele concedida a nós. Jesus, naquela ceia, depois de falar aos discípulos, confortando-os e ensinando, dirigiu-se ao Pai com estas palavras que devem servir, para nós, como estímulo na busca de uma cada vez mais plena espiritualidade de comunhão: *“Pai Santo, guarda-os em teu nome, o nome que me deste, para que eles sejam um, como nós somos um. (...) Eu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que vão crer em mim pela palavra deles. Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim, e eu em ti. Que eles estejam em nós, a fim de que o mundo creia que me enviaste”*. (Jo 17, 11-20,21).
22. É próprio de nossa vida desejarmos uma união pessoal e particular com Deus que nos criou. Pois, o modo mais eficaz para encontrarmos essa intimidade com Deus é buscá-lo no irmão. Construir com ele essa unidade querida por Jesus. Quando essa unidade é completa, quando ela brota nova e com maior plenitude depois de superadas as dificuldades, então encontramos Deus. Se, depois disso, nos recolhemos em oração, descobrimos sua presença bem junto de nós e tomamos consciência de que Ele já estava ali, no irmão que amamos, na comunidade dos irmãos que se amam reciprocamente.
23. Nesse esforço para fazer de nossa Igreja *casa e escola de comunhão*, devemos experimentar essa realidade em nossas casas, em nossas comunidades, nos ambientes de trabalho. Verificaremos, então, que também nossas celebrações terão mais significado, serão mais belas e envolventes, pois nelas, através de nosso amor mútuo, o próprio Jesus já está presente.

O MISTÉRIO DE CRISTO CRUCIFICADO

24. Outro caminho apontado pelo querido Papa João Paulo II para alcançar a *espiritualidade de comunhão* é a compreensão do mistério de Cristo crucificado e abandonado. Esse mistério, que contém a plenitude da doação de Jesus em favor de nossa salvação, deve ser contemplado não apenas na grandeza e nos frutos dele propriamente, mas também na possibilidade que ele nos dá de testemunharmos nossa adesão a Cristo, oferecendo-nos, a cada oportunidade, em favor do irmão.
25. Como tenho dito ao longo desta Carta, a construção de uma Igreja que seja *casa e escola de comunhão* depende fundamentalmente de nossa relação com o próximo, de nossa doação ao próximo, até que esse próximo também se coloque nessa dimensão do amor a nós e a outrem, gerando um amor mútuo e expandido.
26. Jesus, crucificado e abandonado na cruz, é o modelo dessa disponibilidade que queremos. O empenho em contemplar esse Jesus nos ajuda a compreender a medida da nossa doação a cada irmão. Indica também o sentido do sofrimento humano, vencido pelo amor.
27. O papa João Paulo II, que nos últimos anos de sua vida deu um testemunho vigoroso sobre o sentido do sofrimento humano, assim se expressou a respeito desse tema: “...

ainda que a vitória sobre o pecado e a morte, alcançada por Cristo com a sua Cruz e a sua Ressurreição, não suprima os sofrimentos temporais da vida humana, nem isente do sofrimento toda a dimensão histórica da existência humana, ela projeta, no entanto, sobre essa dimensão e sobre todos os sofrimentos uma luz nova. É a luz do Evangelho, ou seja, da Boa Nova. No centro desta luz encontra-se a verdade enunciada no colóquio com Nicodemos: 'Com efeito, Deus amou tanto o mundo que deu o seu Filho unigênito'. (...) ...Ele 'dá' este Filho, a fim de que atinja as próprias raízes do mal humano e assim se aproxime, de maneira salvífica, do mundo inteiro do sofrimento, do qual o homem é participante" (Carta Apostólica O sentido cristão do sofrimento humano, Edições Paulinas, 1984, p. 26).

28. Esse Deus, que oferece seu próprio Filho, e este, que entrega a própria vida pela remissão do pecado do mundo, nos motivam, também, a darmos a vida pelos irmãos, sobretudo participando de seus sofrimentos, não obstante as incompreensões e as dificuldades de relacionamento que com eles tivermos, ainda que, com nosso sofrimento pessoal, guardamos a consciência de que tudo nos levará a um encontro particular com a Cruz e com o Abandono de Cristo. Essa atitude a que somos motivados, longe de nos fixar de forma estéril, nos leva a servir ativamente ao irmão que sofre.
29. Essa disponibilidade diante do irmão que sofre, identificado com a Cruz e com o Abandono de Cristo, é indispensável na construção de uma Igreja que se propõe a ser *casa e escola de comunhão*. Nossa Igreja arquidiocesana é desafiada a abrir os olhos para enxergarmos todos os irmãos que sofrem, como o bom samaritano. João Paulo II, na mesma Carta sobre o sofrimento humano, assim escreve: *"(A parábola) indica, de fato, qual deve ser a relação de cada um de nós com o próximo que sofre. Não nos é permitido 'passar adiante', com indiferença; mas devemos 'parar' junto dele. Bom samaritano é todo o homem que se detém junto ao sofrimento de um outro homem, seja qual for o sofrimento. Parar, nesse caso, não significa curiosidade, mas disponibilidade. Esta é como o abrir-se de uma disposição interior de coração, que também tem a sua expressão emotiva. Bom samaritano é todo homem sensível ao sofrimento de outrem, o homem que se 'comove' diante da desgraça do próximo. (...) O bom samaritano da parábola de Cristo não se limita, todavia, à simples comoção e compaixão. Estas transformam-se para ele num estímulo para as ações que tendem a prestar ajuda ao homem ferido. Bom samaritano, portanto, é, afinal, todo aquele que presta ajuda no sofrimento, seja qual for a sua espécie; uma ajuda, quanto possível, eficaz. Nela põe todo o seu coração, sem poupar nada nem sequer os meios materiais. Pode-se dizer mesmo que se dá a si próprio, o próprio 'eu', ao outro. (ob. cit., p. 6).*
30. Identificando-se, assim, no sofrimento do próximo, com a Cruz e o Abandono de Cristo, o homem se torna capaz de um tal dom de si mesmo, confirmando a verdade expressa no Concílio Vaticano II: *"o homem não pode encontrar a sua própria plenitude a não ser no dom sincero de si mesmo" (Gaudium et Spes, 24).*

A CELEBRAÇÃO DA EUCARISTIA COMO GERADORA DA COMUNHÃO FRATERNA

31. Quando nos propomos a enfrentar o desafio de construir em nosso tempo, em nossa cidade, uma Igreja que seja *casa e escola de comunhão*, encontramos na Eucaristia a fonte e o sustento desse propósito e o ápice de toda essa experiência. De fato, a idéia de um único corpo, fundamento da vida de comunhão, está contida na experiência do pão

partilhado. O Papa Bento XVI, em sua primeira Carta Encíclica, afirma: “a ‘mística’ do Sacramento tem um caráter social, porque, na comunhão sacramental, eu fico unido ao Senhor como todos os demais comungantes: ‘Uma vez que há um só pão, nós, embora sendo muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão’ - diz São Paulo (1 Cor 10, 17). A união com Cristo é, ao mesmo tempo, união com todos os outros aos quais Ele Se entrega. Eu não posso ter Cristo só para mim; posso pertencer-Lhe somente unido a todos aqueles que se tornaram ou tornarão Seus. A comunhão tira-me para fora de mim mesmo projetando-me para Ele e, deste modo, também para a união com todos os cristãos. Tornamo-nos “um só corpo”, fundidos todos numa única existência”. (Deus caritas est, n. 14). O irmão, nossa unidade com ele e a disposição de darmos a vida uns pelos outros, inspirados na Cruz e no Abandono de Cristo - para ficarmos apenas nos elementos de que já tratei nesta Carta - são suficientes para compreendermos essa expressão do apóstolo Paulo citada pelo papa.

32. O pão se torna fonte e motivo de nossa vida de comunhão. A celebração eucarística se torna a expressão de todo esse empenho em construirmos uma Igreja *casa e escola de comunhão*.
33. Jesus Cristo, ao instituir a Eucaristia, naquela ceia derradeira com seus discípulos, partindo com eles o mesmo pão e bebendo o mesmo vinho, deixou bem claro que ali se alcançava, no gesto da partilha, o ápice de sua vida e de seu ensinamento com aqueles que o seguiam naqueles anos. Identificou-se com o pão e o vinho, recomendando: “*fazei isto em memória de mim*”.
34. Neste ano eucarístico, proclamado ainda por João Paulo II, prolongado, no Brasil, até os dias do Congresso Eucarístico Nacional, em Florianópolis, temos a oportunidade de refletir sobre esse mistério que é centro e memória de nossa fé.
35. Em cada Santa Missa, antes da grande Oração Eucarística, há um momento em que apresentamos nossas oferendas diante do altar, assim como nossos irmãos da Antiga Aliança faziam em suas celebrações. No Evangelho de São Mateus, encontramos uma exortação de Jesus que deve ser compreendida como sinal da importância que Ele atribui à harmonia que devemos ter para com nossos irmãos, em vista de uma Igreja que seja *casa e escola de comunhão*: “*Se, ao apresentares tua oferta diante do altar, te lembrares que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão, e depois volta para apresentares tua oferta*” (Mt 5,23-24). É com este espírito de reconciliação que devemos viver a Eucaristia, elemento central e fundante da Igreja que queremos construir.

A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO ANIMA A VIDA DO CORPO MÍSTICO DE CRISTO E UNIFICA OS SEUS MEMBROS

36. Todo pensamento, sentimento e toda ação que nos movimentam na direção de encontrar a comunidade como *casa e escola de comunhão* têm origem na força do Espírito Santo. É o mesmo Espírito que nos conduz à comunhão eucarística e transforma o conhecimento de Deus em amor para com Ele e para com os outros. Por um lado, a convivência fraterna, a partilha dos dons, a celebração do mistério e o conseqüente

compromisso com os sofredores são efeitos da presença divina. Do outro, o ensino e a aprendizagem espiritual dependem fundamentalmente da abertura e da docilidade da comunidade à iluminação do Espírito.

37. A dúvida não nos persegue porque estamos convencidos de que o Espírito nos inspira e nos compele à comunhão. Ele próprio nos deixa convictos da necessidade da unidade. É o Espírito Santo quem nos une numa mesma família que aprecia a convivência e nos leva pedagogicamente ao coração da Santíssima Trindade. A expressão de São Paulo, repetida na liturgia de nossas celebrações comunitárias “*A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai, e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco*” (2Cor 13,13) nos revela sua atuação constante e seu propósito permanente. Por Ele podemos vencer todos os obstáculos que nos distanciam uns dos outros: esquecer as ofensas e oferecer o perdão, cuidar das feridas da alma e preservar a saúde uns dos outros, acabar com o desamor e as inimizades e eliminar todas as muralhas do egoísmo.
38. “*O Espírito Santo que o Pai vai enviar em meu nome vos ensinará todas as coisas.*” (Jo 14,26). A pedagogia do Espírito, na Igreja, leva cada um de nós, nos dias atuais, a conhecer e amar Jesus e os irmãos dentro da comunidade de fé no cumprimento da vontade do Pai em nossos dias. Esse caminho nós realizamos na comunidade. É uma estrada trilhada por um grupo de pessoas que compartilha a vida, suas alegrias e tristezas, suas angústias e esperanças. Cada passo dado vence a nossa “*dureza de coração*” e nos torna purificados para conhecer a verdade. O ensinamento do Espírito leva-nos, em comunidade, à conversão do coração.

A PRESENÇA DA VIRGEM MARIA

39. O Evangelho revela que Jesus “*crescia em sabedoria, em estatura e graça diante de Deus e dos homens*” (Lc 2,52). Para que o crescimento de todos se realize de modo saudável, é preciso que numa família bem constituída se crie um ambiente que favoreça o conhecimento e a prática do carinho, do respeito, da atenção e do amor. Nessa missão, as mães têm um papel especial. Maria executou essa tarefa de promotora da harmonia na casa onde o Salvador se preparou para o anúncio da Boa Notícia. Com ela, Jesus viveu num lar. Sob sua proteção, Ele percorreu os caminhos da compreensão, da partilha, da amizade e da piedade. Maria foi para Jesus o sinal que é para a Igreja: mestra da harmonia.
40. João Paulo II, com seu Magistério tão fértil, nos dizia que Nossa Senhora, prestimosa e solícita, nos ajuda, como mediadora, na comunhão entre nós, instrumento de conversão para a Salvação trazida por Jesus: “*o seu ir ao encontro deles, na vasta gama das suas carências e necessidades. Em Caná da Galiléia torna-se patente só um aspecto concreto da indigência humana, pequeno aparentemente e de pouca importância (‘Não têm mais vinho’). Mas é algo que tem um valor simbólico: aquele ir ao encontro das necessidades do homem significa, ao mesmo tempo, introduzi-las no âmbito da missão messiânica e do poder salvífico de Cristo. Dá-se, portanto, uma mediação: Maria põe-se de permeio entre o seu Filho e os homens na realidade das suas privações, das suas indigências e dos seus sofrimentos. Põe-se de ‘permeio’, isto é, faz-se de mediadora, não como uma estranha, mas na sua posição de mãe,*

*consciente de que como tal pode - ou antes, 'tem o direito de' - fazer presente ao Filho as necessidades dos homens. A sua mediação, portanto, tem um caráter de intercessão: Maria 'intercede' pelos homens."(Redemptoris Mater, n. 21). Não haverá nenhuma chance, portanto, de que trilhemos, com entusiasmo, o caminho que nos leva à comunidade como *casa e escola de comunhão* se não contarmos com a magnífica e doce companhia de Maria Santíssima.*

41. Concluo esta carta com uma última e calorosa exortação a cada pessoa, a cada família e a cada comunidade da Igreja arquidiocesana, em toda a sua rica expressão e realidades, para que juntos nos empenhemos em construir em nossa arquidiocese uma Igreja que seja a casa de todos, em que cada um se sinta amado e valorizado por seus irmãos. Desejo que a presença forte e atuante de Maria, que, segundo as palavras de Bento XVI, "mostra-nos o que é o amor e donde este tem a sua origem e recebe incessantemente a sua força", nos eduque sempre para a harmonia e para a comunhão.
42. "No decorrer dos séculos, a Igreja, organicamente estruturada pela condução dos seus legítimos pastores, segue vivendo no mundo como mistério de comunhão. Tal comunhão, do amor de Cristo fortalecida pelo Pão eucarístico, se exprime nas relações fraternas, fazendo-nos participar do amor que nos une a Deus e aos nossos irmãos. Empenhemo-nos sempre mais a reforçá-la pelo amor de Cristo que nos uniu" (Bento XVI). Que o Cristo ressuscitado nos confirme na esperança e na alegria da sua Páscoa. Que o amor, presente na experiência da vida em comunidade e na partilha dos dons com que Deus nos proveu, nos torne autenticamente irmãos e irmãs uns dos outros. Assim, nossos olhos também se abrirão e reconhecerão o Senhor no partir do Pão.

Goiânia, abril de 2006.
Páscoa de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Dom Washington Cruz, CP
Arcebispo Metropolitano de Goiânia